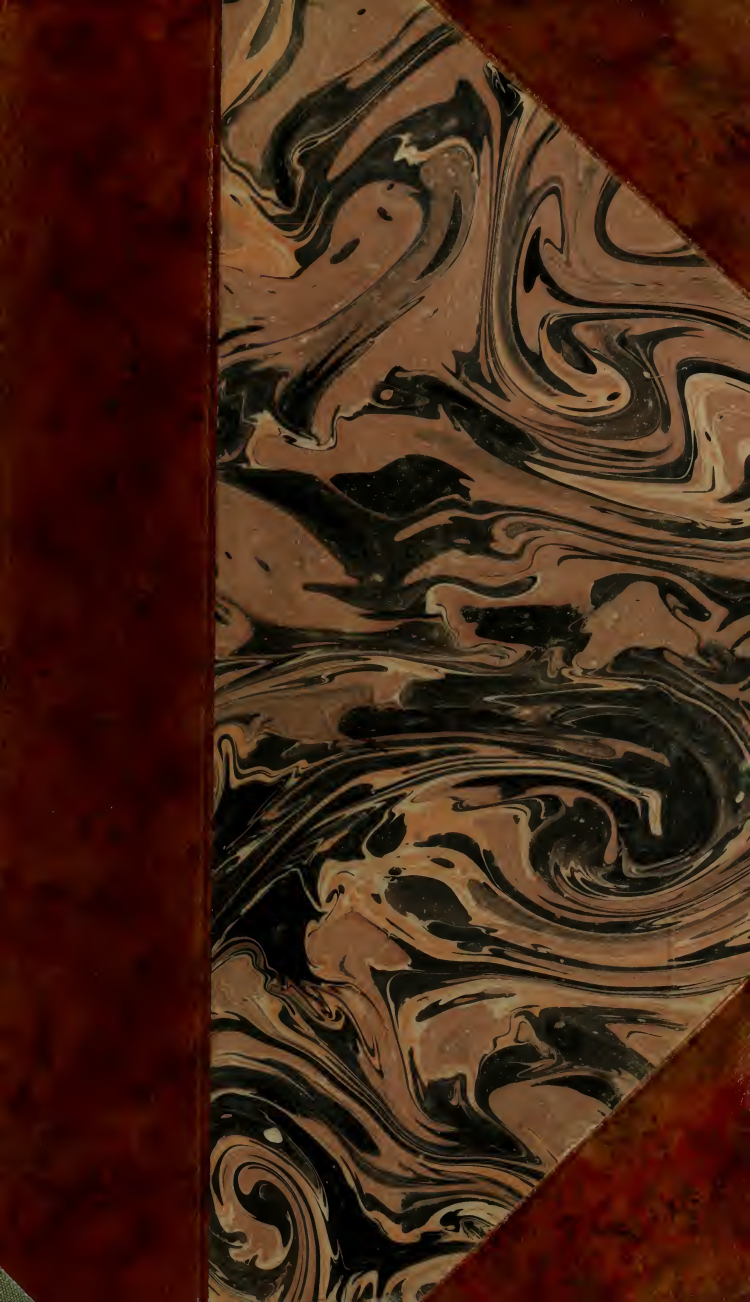


RB 197284

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

MARTINHADA:

POEMA EPICO-OBSCENO

DEDICADO AO R.mo P.e M.e MARTINHO DE BARROS;

COMPOSTO PELO DOUTOR

CAETANO JOSÉ DA SILVA SOUTO-MAIOR,

POR ANTONOMASIA

O CAMÕES DO ROCIO.

TYP. DOS AMORES:

RUA DAS BIMBALHADAS N.º 4189.

1849.

MARTINHADA:

POEMA EPICO-OBSCENO

DEDICADO AO R.mo P.e M.e MARTINHO DE BARROS;

COMPOSTO PELO DOUTOR

CAETANO JOSÉ DA SILVA SOUTO-MAIOR,

POR ANTONOMASIA

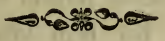
O CAMÕES DO ROCIO.

TYP. DOS AMORES:

RUA DAS BIMBALHADAS N.º 4189.

1849.

ADVERTENCIA PRELIMINAR.



O presente poema é tão conhecido, e mereceu sempre tão geral acceitação aos curiosos entendedores, que seria hoje tido por cousa mais que superflua pretender demonstrar a sua incontestavel superioridade, e excellencia sobre todas as producções d'este genero, que posteriormente appareceram entre nós, quer se attenda á vivacidade e colorido de suas descripções e pinturas, quer á força e valentia de sua metrificação. È para sentir que ficasse incompleta uma obra, que sendo terminada nos poria em termos de nada ter que invejar ao melhor, que possuem os francezes, e italianos, tão abundantes, como se sabe, n'esta especie de composições!

Vendo pois esgotadas as edições, que do mesmo poema se tem feito em diversos tempos (posto que mais ou menos incorrectas, e algumas deturpadas em demasia) e tendo-nos um inesperado acaso trazido á mão uma antiga copia, que por bem fundadas inducções presumimos ser emendada do proprio punho do auctor, determinamos fazer uma nova edição, para a qual nos servisse de texto a mencionada copia, confrontada todavia com os exemplares impressos, e escolhendo entre uns e outros as variantes que nos pareceram preferiveis; addicionando-lhe no fim algumas breves notas historicas, e mythologicas, que servissem para melhor illustração do mesmo texto. — Ahi a entregamos ao juizo dos leitores imparciaes, a quem compete pronunciar a sua decisão.

O auctor d'este poema, o D.r Caetano José da Silva Souto-maior, foi natural da Villa de Olivença, e faleceu em 1739, sendo Corregedor do Bairro do Rocio. Foi distincto poe-

ta entre os seus contemporaneos, merecendo a denominação de *Camões do Rocio*, porque é ainda agora conhecido. D'elle se contam muitas anecdotas divertidas, e dictos chistosos, que lhe valeram a amisade e privança d'elrei D. João V., a quem era muito acceito: sendo vulgar tradicção que este monarcha se comprazia muitas vezes em lhe ouvir ler, e recitar os trechos do seu poema, á proporção que o ia compondo. Deixou, além de outras obras em prosa e verso, que em sua vida imprimiu, uma boa porção de versos manuscriptos, que vimos ha pouco tempo; e se conservam colligidos em mão de alguns curiosos.

MARTINHADA:

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

Propõe-se a todos a estação calmosa,
E o reverendo mango dos mangazes,
Que com bruto furor, ancia pasmosa,
Vai fodendo mulheres, e rapazes:
O comprimento da extensão nervosa,
Que, acompanhando-a dous colhões lambazes,
Descubriu novamente desconforme
Rara fodenga em machina triforme.

I.

Eu canto a Porra, e o varão potente;
Esse, que fez dos rins no seminario
A toda a carne humana guerra ardente
No excesso do appetite fornicario:
O Martinho, ou carneiro de semente,
Que sobre as putas tem membro arbitrario;
Ecclesiastico amphibio de maldade,
Que juntamente foi clerigo e frade.

II.

Este é o varão; o membro é aquelle
Gran-senhor do commercio dos marzapos,
Porque a fama gentilica atropelle
Da genital inxundia dos Priapos:
O que ao vaso das moças tira a pelle,
E costuma fazer-lhe a crica em trapos,
Quando vermelha e immodesta atura
Da bimbalhada a horrenda embocadura.

III.

Não quero as nove irmans, que por innuptas
Me não hão de influir, sendo donzellas;
Desejo um choro de noventa putas,
Graduadas no exercicio de michellas:
Mas se é preciso que do Pindo as grutas
Tenham parte da voz nas tangedellas,
Bastará que me assistam do Parnaso
Os colhões, e a porra do Pegaso.

IV.

Tu, páe da geração burra e castiça,
Escuta do meu verso as rythmas toscas;
Em quanto a burrical parda linguiça
Brandamente á barriga abana as moscas:
Inclina um pouco a orelha dobradiça,
Alargando e encolhendo ao membro as roscas;
Ouvirás, inda posto a barlavento,
As fodas do ecclesiastico jumento.

V.

Tu, que espalhas semente na cardiga,
Dos melões genitaes na cova preta,
Ouve a ardente luxuria de outra espiga,
Que vestiu co'a sotaina a chapeleta:
Attende á carne dura, que impertiga
Da escoria menstrual na suja greta;
Verás que é a mesma, em vozes e susurros,
A prosapia dos Barros, e a dos burros.

VI.

Não desprezes a offerta petulante
Que agora te dedico, oh burro amigo!
Burro disse!.... mal disse; és elephante,
A quem nasceu a tromba ao pé do embigo:
Mas se de filhos tens copia bastante,
Que te deu d'entre as pernas o postigo,
Saiba o mundo, e á gente toda quadre,
Que ha burro páe, e que ha Martinho padre.

VII.

Era uma tarde, quando a terra escalda
Maleitas influindo o sol vermelho,
E a quente cosinheira, erguendo a fralda,
Põe no ladrilho as faces do besbelho:
Das v'rilhas faz, botando a suja calda,
Torcidas dos cadilhos do pentelho;
E a camisa d'estopa na dianteira
Que era almofaça, agora é bigodeira.

VIII.

Quando enfadada a mesma rainha Ginga
Dos póros, que o calor lhe traz abertos,
Vomitando enchurradas de catinga
Tem melhores os longes do que os pertos:
E o triste sapateiro pinga a pinga
Da testa co'o suor rega os enxertos
Das ceppas, que a mulher posta em franquia,
Entre as pernas metteu de mergulhia:

IX.

Finalmente, no intenso ardor da sésta,
Quando até de cantar cança a cigarra,
Está o Martinho, religiosa besta,
De costas posto em cima de uma barra:
Mostrando da braguilha pela fresta
A disforme cabeça, com que marra;
Lamprêa no feitio, no ardor forno,
Na côr bringela, na dureza corno.

X.

Maior grossura, que a de nove trancas,
Foi erguendo a carnal actividade;
Padrão de nêrvo, que se arrima ás ancas
No 'strondoso pespego de Alvalade:
As coxas lhe serviam de armas brancas;
E declarando guerra á honestidade,
A guelra encrespa, e a cerviz entona
A disforme serpente caralhona.

XI.

Mas vendo-lhe Martinho o impulso ardente,
«Está quieta (lhe diz) oh porra infame!
Que aturar-te só póde a força quente
Vaso de carne não, tacho d'arame:
Qual será a mulher viripotente
Que a menor parte do tezão te mamme,
Se lhe encaixas, entrando de boléo,
Uma trave arvorada em mastaréo?

XII.

«Bem sei que foste cavallar montante,
Que jogado ás mãos ambas no pespêgo,
Rompias pela carne palpitante,
Tornando em fosso da culatra o rego:
E que ás pernas da moça mais galante,
Abertas em postura de K grego,
Lhe arrimas, porque a triste não desgoste,
De semente um tonel, de nervo um póste.

XIII.

« Sem nunca te chegar fastio, ou tedio
Do carnal movimento pegajoso,
Sempre andavas roliço, gordo, e nedio,
Na enchente morna do liquor ranhoso:
Estás da mesma sorte sem remedio
D'humana carne hydropico guloso,
Sem que fartes o genio de milhafre:
Antrupophaga és, oh porra cafre! » —

XIV.

O membro, que até li esteve escutando,
Inclinou a cabeça d'uma ilharga;
Como burro na estrada, que cançando,
Estendido n'arêa arroja a carga:
Ia-se pouco a pouco esperguiçando,
Como quem próva cousa que lhe amarga;
Mas de golpe caiu, dando o marzapo
De Martinho nos queixos um sopapo.

XV.

Mas elle ergue-se logo, e diz attento:
«Advirto o teu ardor um pouco vario;
Se és pardal com feitio de jumento,
Não arrêes, oh membro dromedario:
Onde está o continuo esquentamento
Com que eras fornicante partidario?
Quem te roubou com magica tramoia
Tezão de mono em corpo de giboia?

XVI.

«Mas tomara saber; eu não sou frade,
P'ra conservar intenso ardor potente?
Para ser com fradesca gravidade
Fodedor coroado omnipotente?
Que diria de mim esta cidade,
Se eu foder não podesse a toda a gente,
Mostrando que inda morto no feretro
Só da minha corôa a porra é sceptro?

XVII.

«Que conseguiu d'Hercules a massa,
Que de Martinho não consiga a porra?
Elle morreu das putas na trapaça,
Eu as putas traspasso á tripa forra:
Se leões vigilantes despedaça,
Este membro ao dragão tira a modorra;
No estreito elle as columnas poz eternas;
Eu alargo os estreitos d'entre as pernas.

XVIII.

«Não respeitara o mundo a grega ilha.
Que a Apollo levantou alto colosso,
Se me vira sair pela braguilha
Um guindaste de carne sem ter osso:
E de Troya a desgraça, ou maravilha,
Inda supposto o misero destroço
Fizera no universo mais aballo,
Se nascesse esta porra ao seu cavallo.

XIX.

« Dos raios essa olympica deidade
Na estatua não fizera eterno o risco,
Sabendo que em fogosa liberdade
Alimento entre as pernas um corisco:
Um monstro de carnal actividade,
De um olho corpulento basilisco,
Que erguido faz, com pulos, e galopes,
Inveja aos Philisteos, pasmo aos Cyclopes.

XX.

« Montes de pedras, em que o reino egycio
Glorioso eternizou suberba muda,
Mostravam no famoso frontispicio
Que acabavam em fórma ponteaguda:
Mas a porra de nervo no edificio
Em toda a parte egual, grossa, e carnuda,
Pegada indica a dous colhões rotundos
Ser padrão, que por baze tem dous mundos.

XXI.

«Das outras maravilhas curta somma
N'esta porra tem raro desengano;
N'ella se póde ver da antiga Roma
Feito em carne o obelisco de Trajano:
Se de algum temporal, que o Euro assoma,
Caísse a torre ao sacro Vaticano,
Na cabeça do membro rabanorio
De nervo tinha cupola o zimborio.

XXII.

«Os heróes todos a perder de vista
Ficaram, e as façanhas das historias;
Que este membro do sexto na conquista
Até as palmas lhe fazem muitas glorias:
O passaro femineo a roxa crista
Lhe tributa, em applauso das victorias;
Sendo, a pezar do feminil decoro,
Porra Alexandre, porque o vaso é Poro.

XXIII.

« A porra, que no pelago salgado
Da varia multidão das fodas muda,
Tem, monstro verde-negro e salitrado,
De conchas, e d'escamas copia ruda:
Se do hirsuto pentelho emmaranhado
Desenrola a serpente cabeçuda,
E, com pelle manchada de serêa,
Um tubarão com barbas de balêa.

XXIV.

« Se Jove a Briarêo resuscitara,
Esse altivo guerreiro centimano
Com todos os seus braços me agarrara
Na disforme estatura do meu cano:
Inda que velho sou, eu lhe encaixara
Nas unhas o tezão da porra ufano;
Por lograr de cem mãos no mesmo instante
Um cento de punhetas d'um gigante.

XXV.

« Vamos avante, humana charamela,
Novos rêgos abrindo em carne crua;
E lavrando nos campos d'Arreitela
De novo se exercite esta charrua:
Não perco nunca mais fornicadela,
Mas que seja no concavo da lua;
Porque este membro ao vaso, quando o toca,
Lhe faz sempre na grêta uma barroca. »

XXVI.

Disse; e os olhos com ramella podres
Fixos pôz na alimaria corpulenta;
Á qual, crescendo da semente os odres,
Na testa um olho d'agua lhe rebenta:
Banhara maior villa que a de Algodres
No arroto seminal da suja venta,
Se do femineo forno no basculho
A vomito chegasse o que era engulho.

XXVII.

Eis senão quando, que na escada sente
Pizar um pé pequeno de alparcate,
E uma mão, que no impulso brandamente
O peito altera, quando á porta bate:
« Socega! —» disse ao membro de repente,
Que já estava com roupas d'escarlate;
E para andar com mais desembaraço,
Debaixo o subjugou do esquerdo braço.

XXVIII.

Eis senão quando, vê certa moçoila,
A que a mãe e criada vem seguindo;
Dentes de neve, faces de papoila,
Olhar alegre, buliçoso, e lindo:
Martinho deu-lhe o cheiro da caçoila,
E encrespando o nariz se ficou rindo;
Ambos pasmaram, com egual cuidado,
Mas a moça suspensa, elle arreitado.

XXIX.

O Martinho encostou-se na parede,
E diz logo: «Menina, eu tenho faro
De que vossa mercê esmola pede,
Para uma missa dicta a Sancto Amaro:
Se é este o seu negocio, ou se tem sede,
Entre cá dentro, venha sem reparo;
Que n'esta casa as moças mais luzidas
Entradas querem, porque vem sahidas.»

XXX.

Responde a moça: «A minha sorte impia
Me traz a um negocio, com bem ancia:»
«Porém (torna o Martinho) bom seria
Tratarmos outro caso d'importancia:
Para o corpo um bocado de folia
Lhe requer esta minha caralhancia;
Ora ature, meu bem, no seu paxôxo
Cinco ou seis cabeçadas de boi môxo!»

XXXI.

Disse; e soltando o membro para baixo
Só de vel-o pasmaram as tres femeas;
Mas o nosso Martinho feito um macho
N'aquella hora 'stava posto em gêmeas:
Só dizia: «Abra as pernas, que lho encaixo,
Se não hei de fazer-lhe a crica em semeas;
Receba este canhão no seu postigo,
Que a mato, se lh'o metto pelo umbigo!»

XXXII.

A moça diz: Oh mãe, que me aconselha?
Diga-me, isto succede a gente branca?
Esta cousa tão grande, e tão vermelha
Será de pau-brasil alguma tranca?
Ou lagarto, madeiro, ou cobra velha,
De liteira varal, ou alavanca?....»
Responde a mãe, que na malicia é zorra:
«Não, minha filha, não: aquillo é porra!»

XXXIII.

A moça desmaiou; mas a mãe «Filha
(Lhe disse) tem valor, dá geito á parte;
Que temo que te estoure uma virilha
Se torto descarrega o bacamarte!
Vê que o padre, sem freio, nem sarrilha,
Investe como um burro a fornicar-te;
Não lhe sinto remedio, o virgo foi-se,
Mas antes uma foda do que um couce.»

XXXIV.

«Seja em pé, minha mãe; porque de costas
(Disse a moça com vozes muito afflictas)
Esta porra me parte a crica em postas,
Que em semente depois deixará fritas:
Contra mim as desgraças vem dispostas,
Porque me hão de fazer fodas maldictas
Nas cabeçadas da serpente troncha
Ruina a fenda, lagariça a concha!

XXXV.

« Botão de rosa unido, e nacarado
Era até agora, oh mãe, o meu coninho;
De um brando pello o circulo dourado
Lhe guardava a pureza, como arminho;
Nunca possuido, sempre desejado,
Rubi, que o engaste d'ouro fez brinquinho,
Preparando-lhe occulto em sitio breve
A hollanda cofre. e agasalho a neve.

XXXVI.

« Precioso deposito encarnado,
Do mesmo gosto, que rejeita, esquivo;
E que troca, dos brincos molestado,
Em roxo carmesi o coral vivo:
Guardando entre o carmim, que o tem cercado,
O matiz das violetas sensitivo;
Por mostrar, quando chega ao doce effeito,
Que é branca, e roxa a côr do amor perfeito.

XXXVII.

« Mas de anel passa agora a largo rombo,
No impulso ardente d'um carnal pepino;
Fazendo a porra no primeiro tombo
Boqueirão este vaso pequenino:
Deixar-me-ha, com luxuria de mazombo,
O marzapo infernal, burro frontino,
Nas pizadellas, com que o molho entorna,
O cu bagaço, o parrameiro dorna. »

XXXVIII.

Calou-se; e indo as saias levantando,
O Martinho lhe atira taes porradas,
Que a moça só dizia espoldrinhando:
« Hoje morro cozida a caralhadas! »
Mas logo para cima foi saltando,
Por fugir do tezão ás embigadas;
E entrando-lhe entre as pernas o badalo,
No lombo lhe ficou posta a cavallo.

XXXIX.

Porém o gran-marzapo um pouco arfando,
Como a palma co'o pezo mais se erguia'
E o Martinho mordendo, e mais zurrando,
Continùa a dar fogo á bateria:
A mãe, que no trabalho os viu lidando,
Co'as lagrimas nos olhos só dizia:
«Quem te fez, minha filha. em breve instante
Rei Mogol, acavallo em elephante?»

XL.

«Não vale a foda, não, sem cono aberto;
(Diz Martinho) não quero, isto é matraca;
Menina, vossè tem vaso d'enxerto,
E esta porra ha mister covão d'estaca.»
A mãe, por acudir-lhe em tal aperto,
Do elephante porral quiz ser cornaca;
Montou logo, e ficaram na esparrella,
Porem nas ancas uma, outra na sella.

XLI.

Mas inda sobejava pano á peça,
De carne mulheril faminta loba;
E a criada mammando-lhe a cabeça,
No vaso lhe engoliu quasi uma arroba:
D'um alcouce, que foi casa professa,
Tinha sido a lacaia mestra alcoba;
E como sabe a intelligencia ao texto,
Fez postillas de canones no sexto.

XLII.

O gran-Martinho, porque o gosto explique,
Só dizia: «Meu bem, trabalhe agora;
Que a colhoada se me vai a pique,
Se o repucho não lança a carga fora!»
Mas n'este tempo, rebentando o dique,
Vazou mais alcatruzes que uma nora;
Parecendo o marzapo um grande açude,
Formado em seixo, derretido em grude.

XLIII.

O selvaje, a tremer para diante,
A pansa empurra, e o cachaço enrosca;
Parecendo convulso e palpitante
Cavallo com terçan, burro com mosca:
Mas deu tal ronco a besta fornicante
Com voz terrivel de alimaria tosca,
Que estremecem, caindo de pancada
Espavoridas, mãe, filha, e criada!

XLIV.

Nunca ha de persuadir mais triste estrago
Que o das tres pobres á fecunda idéa
Em chammas a ruina de Carthago,
Em ondas o destroço d'Aquiléa:
Porque innundando-as de semente um lago,
Como se acaso as encontrara a chêa,
Ficaram pelo chão, todas de costas,
Fodidas, assustadas, descompostas.

XLV.

Corpulento e nervudo o carnal masso
Posto em Cascaes fornica na Berlenga;
E temeram quebrar pelo espinhaço
Se o Martinho intentasse outra fodenga:
Qualquer d'ellas fugindo a tal fracasso,
Como morta na casa se derrenga;
Inculcando da porra impulsos novos
Ardentes saltos, tumidos corcovos.

XLVI.

Como ao boi da charneca prevenidos
Rapazes, que um boléo estende absortos,
Por não tornarem logo a ser feridos,
Deitados pelo chão se fingem mortos;
Assim estas tres femeas co'os vestidos
Amarrotados, sujos, crespos, tortos,
Evitavam, fugindo das marradas
D'aquelle viril touro outras cornadas.

XLVII.

Porém o Martinhaz disse: «Bom olho!
Este accidente o membralhão me errita;
Sararão com xarope d'este molho,
Que a porra a mulher morta resuscita.»
A mãe, que ainda estava de remolho,
Ouvindo a nova, de assustada grita;
Levanta-se, fazendo aspecto estranho,
Sacudindo o mongil, sorvendo o ranho.

XLVIII.

E chegando á filha com receio,
Que na casa deitada ainda jazia,
Lhe diz: — «A balla não te deu em cheio,
Foi d'esguelha somente uma folia:
Menina, não respondes?.. Porém creio
Que o banho morno te deixou mais fria;
Causou-te este deliquio, este desmaio
Da porra a sombra, que faria o raio!»

XLIX.

Continûa dizendo: — « Antonia bella,
Que infausta foi a luz do teu destino!
Que muito que te eclipses, sendo estrella,
Na ponta do badallo d'este sino!
És flor linda, a que o rustico atropella
De radical influxo repentino;
Mas para que é deitar d'esse bandalho
Em uma rosa murcha tanto orvalho?

L.

« Como tens, minha filha, a amada joia,
Bello mixto de nacar, e assucêna!
Melhor por um tal caso ardera Troia,
Que este roubo é mais rico que o d'Helena:
O meu pezar em lagrymas apoia
Ver o teu passarinho em tanta pena:
Quebrando o brinco, no qual Venus tinha
De perolas e purpura a conchinha.

LI.

«Nevada a testa, que um jasmim congella,
D'esta luz era annuncio refulgente;
E inda sendo por muitas causas bella,
Por dous motivos alva é certamente:
Suor miudo, como aljofar, n'ella
Indica de taes olhos o occidente;
Porém ao orbe assusta, e ao céo admira,
Que chore a aurora, quando o sol expira!

LII.

«Nas partes em que a neve quebra a rosa,
Roto em pedaços entra um roxo lyrio;
N'essas faces inteira, e primorosa
Não encontro outra flor mais que o mortyrio:
A côr perdida, a neve duvidosa,
No teu desmaio mostra o teu delirio;
E é somente em teu rosto, amada filha,
A dor perpetua, o estrago maravilha.

LIII.

«Troca a horrenda e fodaz bestialidade
Carmim brilhante em pallido amethyste,
Roubando-te o tezão rijo de um frade
O doce arrimo d'esta edade triste:
Ao successo cruel d'esta impiedade
Ferido o coração pouco resiste;
Pois te deixa de um membro a força bruta
A flor partida, retalhada a fructa.»

LIV.

Responde a filha, e diz: — «Cá tenho o cono,
Que entendi o levava hoje o diabo,
Porque o padre, arreitado como um mono,
A crica me pregou no fim do rabo:
Parece que na porra lhe deu somno,
Que me põe, se o negocio leva ao cabo,
D'esta casa me erguendo até ás ripas,
No sesso os bofes, e na boca as tripas.

LV.

« O membro é, minha mãe, uma tormenta,
Em que as tres todas fomos naufragantes;
D'aquillo deitou muito pela venta,
Que se entorna nas mãos dos estudantes:
Trovoada de Maio, que fomenta
Ardores grossos, aguas abundantes;
Pois no impulso, oh mãesinha da minha alma,
Certamente lhe achei chuva com calma. »

LVI.

Mas a criada, que aturara o mango,
E queria mammar segunda enchente,
Desejando provar outro fandango
Na casca grossa do badejo quente:
Ergue-se, e disse: — « Eu tomara um frango,
Para dar a minha ama de presente;
Só por ver se inda dava um gritosinho,
Se o frango lhe chegasse ao passarinho! »

LVII.

Dizendo proseguiu: — « Minha menina,
Por levar não se enfade este soquete:
Rustico arado tronca uma bonina,
Grosseiro pau é pé d'um ramalhete:
Vá aprendendo, minha ama pequenina,
A metter entre as pernas o monete;
Que no rego o jardim, que brilha ufano,
Tanto mais flores tem, tanto mais cano.

LVIII.

« Bem sei que no principio dá mais geito
Dos affectos suaves a brandura,
E é razão que primeiro sinta o peito
Dos incendios de amor doce quentura:
E que trocando em fé todo o respeito,
Chegando o praso da melhor ventura,
Entre o receio de um fingir supposto,
O toque é mimo, as lagrymas são gosto.

LIX.

« Bem sei que ao roubo meigo d'um beijinho
Erissa o susto no cristal nevado
Tenra a pluma, que adorna o passarinho,
Curto o bico, que amor fez encarnado:
E que encontrando no encuberto ninho
O buril doce o sitio desejado,
Entra, fazendo gloria da porfia,
Com dor que alegra, o golpe que allivia.

LX.

« Porém a tudo excede um gran porraço,
Que de tres leguas na distancia arreita;
Uma porra, torcida como um braço,
Que é vara de lagar, que está direita:
Assim no fornicar de calhamaço
Porraz disforme é praga sem suspeita;
Arrimando no vaso, a que sacode,
Grandeza de frizão, calor de bode.

LXI.

«Menina, na fodenga ha forte inercia;
Que tamanho terá, senhora Antonia,
O gran marzapo do Sophi da Persia,
E a porra do Sultão de Babilonia?
O vaso quer tezão, não quer solercia;
Cavalgar n'esta terra é ceremonia;
Só me enche a vastidão imaginaria
A porra do gran-Kan da gran Tartaria!

LXII.

«Um noivado na corte não faz vaza,
Se de fora não vem tudo o que enfeita;
A dama mande a França, quando casa,
Porém mande á Turquia, quando arreita:
Se eu no mundo não fora mulher raza,
Já stava d'estas cousas satisfeita;
E tivera, em logar de louça fina,
Caralhos de Timor, colhões da China.»

LXIII.

Diz Martinho: — «O trabalho era perdido;
Que á vista d'este fora despresado
De Irlanda um caralhão louro, e comprido,
E dos cafres um membro asselvajado:
Em Bengala com juncos estendido,
Na argola de um jogué sempre estirado;
Pois é o meu porrão cantado em verso
Caralhissimo mór do universo.»

LXIV.

«Tanto é o de mais, quanto o de menos;
Porque esse tassalhão (diz a criada)
De longe uma mulher com dous acênos
Deixará trinta vezes fornicada:
Os grandes são melhores que os pequenos;
Porém essa façanha desmarcada
Quando entra degola, abraza, esmecha;
Nero da crica, Herodes da ventrecha.

LXV.

«La em casa um fradete em mim se vinga,
Que é primo da senhora, e que é capacho;
Elle, sim, tem de carne uma seringa
De covado, que mette no meu tacho:
Sem que chegue por fora a entornar pinga,
Lhe espremo todo o çumo do seu cacho;
Assim me esfrega sempre, e não me esfola;
Eu o allivio, e elle me consola.

LXVI.

«Isto é n'esta opinião; que certa moça
Me affirmava, por ser na foda experta,
Que tanto alegra o membro, quando roça,
Como afflige, no vaso quando aperta:
Que a mulher quente, que procura a coça,
Furada deve ser, sem ser aberta;
Pois nunca será bom membro que encalhe;
Que a crica folgue, quando a porra balhe.

LXVII.

«Porém vossa mercê va-se a Galiza,
Pois sem ser padre mestre é padre méco;
Que ao vaso o membralhão estala e piza,
Em praça transformando o que era beco:
Martinho, ou Julião, que se divisa
De carne no estrondoso badameco,
Julgando que das suas fodedellas
Inda o mundo será todo Friellas.

LXVIII.

«Mas inda assim, queremos que nos conte
(Porque ha de saber tudo de memoria)
Quem lhe deu esse membro Rodamonte,
D'onde veiu essa porra tormentoria:
D'esse rio de semen toda a fonte
D'esse grande tassalho toda a historia;
Pois, visto tanto molho que derrama,
É marzapo geral na voz da fama.»

LXIX.

Profere o Martinhaz, quasi roncando:
«Toda a mulher pergunta por teimosa;
Este membro crescido, e venerando,
Paginas ha de ter em verso e prosa:
Ja que o quer, eu lh'o vou logo arrumando;
Applique o ouvido, um pouco cuidadosa;
Que dará esta porra em todo o caso
Menos gosto na orelha, que no vaso.»

MARTINHADA:

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

O Martinho refere a parvoice,
Com que nascido foi, e mais gerado;
E que ainda na tenra meninice
Sempre andava co'o membro levantado:
Que conservar querendo até á velhice
A potencia viril no mesmo estado,
D'engonços um pismão para as mulheres
Lhe deu a feiticeira Aldonsa Peres.

I.

O resplendor, que é astro, e que é deidade,
Para o occaso inclinava o vôo ardente,
Tendo menos da explendida metade
Na via d'ouro a ephimera luzente:
Mas do cristal na liquida vaidade
Cançado busca a urna transparent,
Pagando a luz á neve em seus desmaios
As lagrymas, que a Aurora enxuga em raios.

II.

Finalmente, na tarde o sol entrava,
Sem dar penso aos cavallos da carroça;
O rustico hortelão a terra cava,
Suada a regateira as virilhas coça:
O lacaio depressa a sege lava,
Da sesta somnolenta se ergue a moça;
O badallo dos frades sem demoras
A vesperas tangia, eram tres horas.

III.

Levados sempre á sirga em giros varios,
Com pacientes, mas antigas phleimas,
Ja andavam os mofinos caudatarios
Levantando o docel das almorreimas:
Das illustres culatras salafrarios
Exploravam n'olfacto se tem reimas;
Que é privilegio de um prelado inteiro
Do cu não só ter olho, mas olheiro.

IV.

N'este tempo o Martinho diz: — «D'espanto
Da minha historia é força que m'aburra; —
E arrimando da casa para um canto
Da porra denegrida a trave burra;
Torna a dizer: — «Vossês ouçam-me, em quanto
Aos vasos este membro não dá surra;
Pois parece, no impulso da pancada,
De macho o couce, bufalo a marrada.

V.

« Viram meus páes dous cães encangalhados,
E ouviram de dous burros a harmonia,
E d'estas cousas ambos esquentados
Foram fazer em mim a mesma cria:
Sendo burros e cães os invocados,
Se ignorara a qual d'elles pertencia;
Mas tenho, porque eguaes em tudo os ponha,
De uns o juizo, e d'outros a vergonha.

VI.

« Pejada minha mãe teve accidentes,
De couces na barriga mataduras;
Que assim como os heróes nascem com dentes,
Eu no ventre ja tinha ferraduras:
Sentia dentro em si varios crescentes,
Levedados da porra nas quenturas;
Dizendo, quando olhava para a pança,
« Deve de ter marés esta criança.

VII.

« Vaticinios, prognosticos, e ensaios
Predisseram crueis meu nascimento:
A uma moça de casa dous lacaios
Pregaram um famoso esquentamento:
Dous machos de liteira, de côr baios,
A uma padeira vendo n'um jumento,
Enchem de molho, e fica (caso extranho!)
N'elles a febre, e na saloia o banho.

VIII.

« Da rua-çuja se viram n'athmosphera
Dous membros genitaes resplandecentes;
Cometas, que do gallico na esphera
São da porra phenomenos ardentes:
Dizem as putas, que dos olhos era
Engano vêr pissalhos reluzentes;
E que havia nos bellicos ensaios
Porras de prégos sim, mas não de raios.

IX.

« Eis senão quando minha mãe com dores
Desmaiada mostrou algum perigo;
Assustou-se meu páe, sendo os temores
Faltar-lhe para o membro o tal jazigo:
Apalpou a comadre com suores,
E um cirurgião de casa muito antigo
O escondido logar, e os mattos quedos,
Que de Fuente-rabia estão dous dedos.

X.

« Mas o membro, que estava reprimido,
Sahindo afocinhou desesperado;
Da vibora ao veneno parecido,
Que o clautro maternal rompe assanhado:
A comadre, pasmando ao succedido,
Proferiu: — N'este parto desgraçado
Causou da natureza o desvario
Ao ventre humano um parto de safio! —

XI.

« Porém torna a dizer: — « É parto torto,
Nascerá a criança com defeito! —
Mas disse o cirurgião, que estava absorto:
— Arre lá, vossê quêl-o mais direito?.. —
E a meu páe, que pergunta (quasi morto
De algum successo triste no conceito)
— Temos parto infeliz? temos trabalho?.. —
Responde: — « Não senhor, temos caralho! —

XII.

« Chegou então meu páe um tanto afflicto,
E vendo d'esta porra o grande apresto,
Disse, todo pasmado do conflicto:
— Isto não chamo eu parto, mas incesto;
E contra a natureza hoje o delicto
Duas vezes invida ao vaso o resto;
Que esta porra infiel, como traidora,
Fornica a mãe de dentro para fora? —

XIII.

« O cirurgião responde : — « Não se enfade ,
Que um filho sempre é baculo á velhice ;
Arrimo de uma casa na verdade ,
Que quando a põe segura a faz felice :
Bem sei que d'esta porra a quantidade
Da creança arreitada é parvoice ;
Porém n'ella achará , segundo eu creio ,
Vossa mercê bordão , a casa esteio. —

XIV.

« E diz , voltando a minha mãe : — « Senhora ,
Ponha-se em pé , e tenha confiança ;
Que do seu parto o todo está ja fóra ,
Só falta o pouco resto da creança : —
E assim foi , porque chegando a hora ,
Tanto que de se erguer teve a lembrança ,
Pegado ao pé d'aquelle tronco acêzo
Me trouxe atraz de si da porra o pêzo.

XV.

«Do gordo carnaval na terça-feira
Veiu ao mundo de nervo esta bisarma;
Nos assaltos de amor peça roqueira,
Do sexto mandamento infernal arma:
Cuidando minha mãe que era tocheira,
Do chão vendo a criada levantar-ma,
Diz: — «Que é isto!.. Da sorte foi descuido,
Nascer da paschoa o cirio pelo entrudo! —

XVI.

«Eu, e cada colhão de egual tamanho
Sômos partes, que o membro em si coaduna:
Mas disse uma criada: — «É caso extranho,
Que parisse nossa ama uma columna! —
Responde outra: — «As alviçaras te apanho,
Porque eu vi de mais perto essa fortuna;
Pariu (e tu não sabes o que dizes)
Um pinheiro, que trouxe tres raizes! —

XVII.

«O cirurgião profere em breve instante
Com acênos um pouco meditados:
— A porra posta em pé, como um gigante,
E a creança e colhões no chão deitados!..
No mundo não ha caso similhante
No seculo presente, ou nos passados;
Mas ai! que é Gerião posto ás avessas,
Que para baixo tem as tres cabeças! —

XVIII.

«Depois de tudo isto veiu a ama,
Toda dengue, embrulhada n'um capote;
E dizendo: — «Ha de entrar na minha cama
A creança pegada em um barrote! —
Mas disse-lhe a criada: — «Se em Alfama
Marujo houver que o tenha d'este lote,
Voto debaixo d'elle em romaria
Varrer co'as ancas toda a Trafaria. —

XIX.

«Com tudo, que eu mammasse quiz piedosa;
Porém o membralhão tirava o geito;
Até que achando o modo cuidadosa
No membro se assentou, e deu-me o peito:
Elle sentiu que a carga era gostosa,
Começando a bulir-se mais direito;
Na porra e mammas, com egual quentura,
Tinha eu, e a ama a mesma apojadura.

XX.

«O membro, que se achava em represalia,
O gargalo estendendo do pescosso,
Mais d'um alqueire de fidéos de Italia
Desfeito lhe repôz em caldo grosso:
— Zaragatôa, cola, pez, e algalia
(Diz a ama) bota o membro do caroço;
Ou é ambar, que a porra regurgita,
Pois parece balêa, que vomita. —

XXI.

«Toda a gento de casa vem chegando,
Mas immovel ficou um pouco, vendo
Sem medida um marzapo venerando,
Que está dotado de um tezão tremendo:
Mas dizem os mais velhos acenando:
— Esta porra é prognostico estupendo;
Vem primeiro em presagio, e depois d'isto
Ha de soldar-se ao corpo do Anti-Christo.»

FIM DO POEMA.

NOTAS ILLUSTRATIVAS

PARA INTELLIGENCIA DOS NOMES PROPRIOS &c.

DISPOSTAS POR ORDEM ALPHABETICA.

ALDONSA PERES: Não estamos habilitados para decidir se este nome foi mera invenção do auctor, ou se na realidade quiz alludir a alguma das muitas suppostas feiticeiras que então, e ainda muitos annos depois tinham em Lisboa grande celebridade. Parece-nos mais provavel esta segunda hypothese.

ALEXANDRE MAGNO: Veja-se PORO.

ALGODRES: Villa de Portugal na provincia da Beira, bispado da Guarda.

ALVALADE: Assim se dominava antigamente o sitio ora chamado Campo-grande, nas visinhanças de Lisboa. Metaphoricamente o auctor allude aqui á alvura ordinaria das coxas feminis.

APOLLO: Era entre os pagãos tido por deus da poesia, da musica, e das artes, filho de Jupiter, e de Latona. Os habitantes da ilha de Rhodes, no Mediterraneo, fabricaram em sua honra um ma-

gnifico colosso; ou estatua de bronze, que foi contada como uma das maravilhas do mundo.

AQUILÉA: Antiga cidade do Friul, junto ao mar Adriatico, de que só hoje existem as ruinas, tendo sido inteiramente destruida por uma inundação.

ARREITELA: Ou antes Arrentella, logar e freguezia do Concelho do Seixal, situada ao Sul do Tejo.

BABILONIA: Hoje Bagdad, capital e provincia do antigo imperio da Assyria, collocada sobre o rio Euphrates, uma das maiores e mais opulentas cidades de que ha memoria.

BRIARÊO: Um dos gigantes, filhos da Terra, que conforme a mythologia se levantaram contra Jupiter, pretendendo expulsal-o do Olimpo. Suppunha-se que tinha cincoenta cabeças e cem braços, donde lhe veiu a denominação de centimano.

CAPACHOS: Nome porque eram vulgarmente conhecidos entre nós os frades da ordem de S. João de Deus, os quaes por seu instituto eram obrigados a servir d'enfermeiros aos pobres nos hospitaes.

CARDIGAS: Logar na provincia da Beira-baixa, bispado de Castello Branco. Temos ouvido varias interpretações a esta allusão do auctor, porém nenhuma dellas nos parece verosimil.

CARTHAGO: Antiga e poderosa cidade da Afri-

ca, famosa pelo seu commercio, e pela guerra assoladora que por muitos annos sustentou contra os romanos, que finalmente a tomaram, incendiaram, e arrazaram. Ficava nas visinhanças de Tunes.

CYCLOPES: Gigantes monstruosos, que conforme os poetas, fabricavam sob a direcção de Vulcano, os raios para Jupiter, nas forjas que para esse fim tinham estabelecido na ilha de Lemnos, e em outros logares. Não tinham mais que um olho, sito no meio da testa.

EGYPTO: Famoso reino, principalmente notavel pelas suas maravilhosas pyramides, que ainda hoje se conservam, tendo affrontado a duração de mais de quarenta seculos.

EPHIMERA: Insecto, cuja vida não passa de um dia, e a quem porisso o auctor compara aqui o sol methaphoricamente.

EURO: É o vento sueste, a que os italianos chamam Siroco, e que muitas vezes sopra com incrivel violencia nas costas da Italia, causando gravissimos damnos, e toda a qualidade de prejuizos.

FONTE-RABIA: Pequena, mas forte povoação da Hespanha, na provincia de Biscaia, sita na embocadura do Bidassoa. O auctor aproveita aqui o equivoco, e toma-a na acepção de «Fonte do rabo.»

GERIÃO: Fabuloso rei de uma parte da Hispa-

nha, o qual tinha tres cabeças: foi vencido e morto por Hercules, pelo motivo de sustentar os seus bois com carne humana.

GINGA (Rainha): Reinava em uma parte do Congo, e depois de ter por muito tempo sustentado guerra com os portuguezes de Angola, foi por fim obrigada a pedir a paz em 1744. Era de genio feroz, e guerreiro, e o seu verdadeiro nome era D. Veronica.

HELENA: Belleza celebre, que foi causa de uma infinidade de desgraças. Sendo casada com Menelau, rei d'Esparta, ennamorou-se de Paris, principe troiano, que a roubou a seu marido, e a conduziu comsigo para Troia; Menelau exasperado com este roubo, concitou contra Troia o odio de todos os gregos, que unindo-se entre si foram citiar aquella cidade, a qual por um estratagema conseguiram tomar depois de um cerco de dez annos, destruindo-a, e arrazando-a até os seus alicerces.

HERCULES: Famoso semi-deus, filho de Jupiter, havido em Alcmena mulher de Amphitrião. Conforme a fabula, praticou uma serie de acções heroicas, domando monstros, e vencendo arriscadissimas emprezas, até que pereceu, victima dos ciumes de uma de suas mulheres, que vendo-se

por elle abandonada, lhe fez subministrar um vestido envenenado; o que produziu n'elle tal furor, que a si mesmo se deu a morte, lançando-se em uma fogueira.

HERODES: Rei da Judea, cognominado o grande, tornou-se notavel por suas crueldades, fazendo perecer sua mulher, seu sogro, e a maior parte da sua familia.

JOVE: O mesmo que Jupiter, supremo deus dos pagãos, filho de Saturno e Rhéa.

JULIÃO: O Padre Julião foi um parocho, ou cura, do logar de Friellas, freguezia nos suburbios de Lisboa, onde se distinguiu tanto por suas proezas e façanhas luxuriosas, que chegou a emprenhar a maior parte das suas femininas ovelhas, deixando um nome perduravel n'aquella freguezia, cujos moradores ainda hoje se resentem ao perguntar-lhes pelo «Padre Julião.»

KAN: Vocabulo tartaro, que significa chefe supremo.

MARTINHO: O Padre Martinho de Barros, heróe d'este poema, foi congregado do Oratorio, e não franciscano, como erradamente se julga. Viveu muitos annos na casa do Espirito Santo em Lisboa, onde fundou uma capella, cuja administração deixou á mesma casa. Com razão diz o au-

ctor que elle fora clerigo e frade; porque effectivamente os congregados de S. Philippe Neri participavam de uma e outra qualidade.

NERO: — Bem conhecido imperador de Roma, affamado por suas crueldades, chegando ao excesso de fazer assassinar sua propria mãe Agrippina.

PARNASO, e PINDO: Dous montes situados na Thessalia, ambos consagrados e Apello, e ás Musas.

PEGASO: Era um cavallo alado, que (conforme a mythologia) nascera do sangue de Medusa, quando perceo cortou a cabeça a esta gorgona. — Logo em nascendo feriu com o pé a terra, fazendo rebentar uma fonte, que se chamou Hippocrene. Habitava ordinariamente no monte Parnaso.

PHILISTEUS: Povos da Palestina, de caracter guerreiro, e d'estatura agigantada, que entretiveram com os judeus uma guerra quasi continua por espaço de alguns seculos, como se pode ver nos livros sanctos.

PORO: Era soberano do antigo reino de Guzarate na India, e tido em conta de grande e esforçado cavalleiro. Sendo vencido por Alexandre Magno, e ficando seu captivo, este conquistador querendo alardear desinteresse e generosidade, o investiu novamente na posse do reino de que o havia privado.

PRIAPO: Os pagãos o veneravam como deus dos jardins, e presidia a todas as dissoluções. Tinham-no por filho de Baccho e Venus, e contavam a seu respeito muitas fabulas. Representava-se na figura de mancebo, com a barba e cabellos desgrenhados, tendo na mão direita uma fouce, e com um membro de desmesurada grandesa no estado de completa erecção.

RODAMONTE: Um dos famosos Paladinos ou pares, do tempo de Carlos Magno, de cujas façanhas se faz larga menção no poema de Ariosto.

SOPHI: Titulo do rei da Persia, mas que parece ser commum a outros potentados do Oriente.

TRAJANO: Imperador romano, hispanhol de nação, celebre por suas conquistas e pela rectidão e felicidade do seu governo. Os romanos lhe erigiram em agradecimento um obelisco ou columna, que ainda hoje se conserva.

TROIA: Cidade na Asia menor, situada sobre o rio Scamandro, a tres leguas do Archipelago. Hoje está em seu logar a pequena aldêa de Bonnat-Bachi. — Sendo sitiada pelos gregos (Vej. Helena) estes serviram-se para a tomar de um grande cavallo de madeira, em cujo bojo se haviam introduzido muitos soldados armados; os troianos desprevenidos recolheram a machina dentro da sua

cidade; porém os que estavam n'ella escondidos sahiram durante a noute, e abriram as portas aos sitiadores.

VATICANO: Palacio e residencia papal, em Roma.

FIM.

"A Nanimmente", poema epico dedicado ao R. P. M. Fr. Leonidio de Barros, &c. (congeure de D. João 1º) Chipre, 1814."
"Printed by T. C. Hansard, Peterborough-court Fleet-street, London-
pag. in 12
com 3 figuras
1 no começo de personagem anterior ...
... no final 2 ... em frente ao frontispicio

"Elogio a ...
... Paris ..."